

MOTIVAÇÃO/DESMOTIVAÇÃO ESCOLAR: CAUSAS E DESAFIOS

LUIZA DA LUZ KASTER¹;

RICHÉLE TIMM DOS PASSOS DA SILVA²;

¹Universidade Federal de Pelotas – luizakaster5@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – richelertps@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

¹A desmotivação escolar é um assunto generalizado, presente em todo o país. Há uma explicação reducionista amplamente divulgada entre as pessoas que compõe a comunidade escolar, culpabilizando apenas o aluno e não levando em conta tudo o que o rodeia.

A relação do estudante com a escola e com o aprender está diretamente relacionada à motivação/desmotivação do mesmo para com os estudos e, para que o processo de aprendizagem não seja interrompido, é importante identificar o que faz com que o discente sinta-se desmotivado com este momento, para que se possa pensar em alternativas para contornar e/ou remediar estas situações nas quais o aluno se depara ao longo de sua vida escolar.

O projeto tem como objetivo geral compreender as causas da desmotivação escolar. Além disso, busca identificar possíveis gatilhos disparadores da desmotivação pelas atividades escolares; analisar o papel da relação professor-aluno para motivar/desmotivar o aluno; compreender influências do ambiente escolar na motivação/desmotivação dos estudantes e busca pela perspectiva docente e discente em relação a este assunto.

A desmotivação escolar se mostra como um problema social pois pode ter como sequela o baixo desempenho e a evasão escolar, que no futuro possivelmente teria como consequência o desemprego, visto que a sociedade busca cada vez mais capacitação para o mercado de trabalho. Além disso, a pesquisa faz-se pertinente pois pode-se identificar a presença de explicações simplistas, que reduzem a real profundidade do problema, banalizando-o. Deve-se analisar estas propostas para que de fato se obtenha cientificidade para a ideia; para descartá-la; ou para adaptá-la para uma versão mais adequada.

A pesquisa possui um referencial teórico extenso. No presente resumo, abordarei conceitualmente o senso de **competência**, as **expectativas** dos alunos, a **auto eficácia**, a **relação** professor-aluno e o **pertencimento** no ambiente escolar, conceitos importantes ao contexto da temática do projeto.

É importante, falar sobre o valor que se dá ao aprendizado. Os estudantes tendem a valorizar mais os conhecimentos que parecem mais difíceis de se compreender em relação àqueles que são mais facilmente adquiridos. Não é motivador aprender algo extremamente fácil. No entanto, também não é motivador tentar entender algo extremamente difícil (Martín, 2024). Bueno (2013, p. 19, grifos do autor) diz que “O aluno, após a realização de uma atividade desafiadora e tendo atingido o objetivo por ter conseguido realizar a atividade, se sente motivado e com o sentimento de ser capaz (competência)”.

¹ Este projeto é um relato de experiência de um trabalho construído na disciplina de Pesquisa em Educação I do primeiro semestre do Curso de Pedagogia vespertino.

Devemos, também, observar as expectativas dos alunos perante a aprendizagem. As expectativas de eficácia compreendem o valor que os alunos dão à sua própria capacidade de aprender algo. As expectativas de resultados podem ser definidas por um conjunto de ações que levam o estudante a alcançar objetivos de aprendizagem (Martín, 2024), ou seja, as expectativas de resultados correspondem aos métodos, às estratégias utilizadas pelo professor e pelo próprio estudante para fazer com que eles queiram aprender apenas por ter interesse em seu objeto de estudos – ou como o professor faz com que o aluno tenha interesse pelo objeto de estudos. Martín (2024) diz que, caso as expectativas de eficácia do estudante sejam zero, eles também não possuirão expectativas de resultado, não acreditarão que algum método poderá leva-los ao sucesso. O autor define essa situação como “desamparo aprendido”.

Relacionado com as expectativas de eficácia, Martín (2024, p. 158) traz o conceito de auto eficácia, que “é a medida pela qual o aluno é capaz de atingir um objetivo de aprendizagem”. O autor ressalta que auto eficácia é diferente de autoestima pois está limitada a observar a capacidade do aluno de aprender algo. O aluno faz julgamentos de sua própria capacidade e, se ele não percebe em si mesmo uma capacidade real para aprender, acabará sofrendo impactos em sua aprendizagem concreta.

se o aluno acredita que não pode aprender algo, ele se limitará, ou seja, não dedicará o tempo, o esforço ou a concentração que as tarefas de aprendizagem exigem, e, por isso, acabará tendo razão. É o que se conhece como “profecia autorrealizável” (Martín, 2024, p. 159, grifos do autor).

A relação entre o professor e o aluno também é essencial para se obter um aprendizado concreto. Os alunos precisam se sentir amados e respeitados, necessitam perceber que o professor se importa com sua aprendizagem, precisam ser valorizados pelo grupo e pelo professor, necessitam manter contato interpessoal (Guimarães e Boruchovitch, 2004; Bueno, 2013). É importante que haja uma relação segura entre professor e aluno para que ocorra um desenvolvimento pleno das capacidades do estudante.

trabalhos envolvendo interação professor/aluno confirmam a relevância de se promover em sala de aula um contexto de relação segura, no qual o professor demonstraria interesse e disponibilidade para atender as necessidades e perspectivas dos alunos (Guimarães e Boruchovitch 2004, p. 146).

Quando as regras e comandos em sala de aula são descontextualizados, quando é exigido um conhecimento distante da realidade do aluno, isto pode levar a um desgaste na relação professor-aluno, impactando diretamente no processo de aprendizagem do estudante, acarretando o fracasso na motivação de ambos e na aquisição do conhecimento da disciplina (Bueno, 2013).

O apoio que o professor oferece ao estudante está diretamente relacionado com o envolvimento do aluno com a escola e com as atividades escolares. A qualidade do relacionamento professor-aluno é altamente influenciada pelo estilo motivacional dos professores em sala de aula (autoritários, mais respeitosos, etc.) (Guimarães e Boruchovitch, 2004). Além disso, também é preciso que o professor crie um ambiente confortável em sala de aula, ele deve criar um ambiente afável, um ambiente que inspire um sentimento de pertencimento nos alunos, para que se sintam integrados e suas dúvidas sejam levadas a sério (Ribeiro, 2011). Bueno (2013, p. 20) vai dizer que “quando os alunos pertencem a um grupo, a uma comunidade, se sentem mais seguros, e quando amados e respeitados são mais

motivados intrinsecamente. As tarefas em grupo contribuem para o pertencimento”. É importante, também, que o professor se sinta motivado a desenvolver a capacidade dos seus alunos de aprender, pois, dessa forma, ele estará criando condições favoráveis aos alunos e à aprendizagem (Bueno, 2013). O autor ainda reforça a importância do ambiente e do pertencimento e diz que

Quando o aluno se percebe como uma pessoa digna de amor, respeito, atenção, cuidados e interesse sincero por parte de seus professores, o entusiasmo, a motivação, a alegria e o conforto serão as emoções prováveis, resultantes do envolvimento nas atividades de aprendizagem (Rufini; Bzuneck; Oliveira, 2012 p.59 apud Bueno, 2013, p. 19).

É consenso que os estudantes não se motivam da mesma forma, entretanto. Cada aluno possui um estilo motivacional diferente. Cada criança é única e traz consigo uma bagagem de experiências que podem dificultar ou facilitar seu processo de aprendizado. Ribeiro (2011) diz que há grande preocupação acerca de como estas experiências e conhecimentos prévios dos estudantes afetam o seu aprendizado. A autora ainda ressalta que as características motivacionais de cada estudante devem ser levadas em conta no processo. Veríssimo (2001) vai dizer que deve ser levado em conta os gostos pessoais do aluno na formação de estratégias para motivá-lo, pois isso irá chamar sua atenção para a proposta do professor. “A força motivadora de determinada estratégia resulta, desse modo, não da estratégia em si, mas da interação da mesma com as características individuais dos alunos, nomeadamente com os seus estilos motivacionais e cognitivos” (Ribeiro, 2011, p. 04).

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A pesquisa conta com uma abordagem qualitativa, a qual têm sua atenção às conclusões, aos mecanismos, comportamentos e interpretações dos próprios sujeitos, sendo uma abordagem que valoriza a diversidade (MUSSI et al., 2019). Concentra-se em um estudo de caso, na qual se pretende obter resultados a partir de uma amostra específica de uma população. É uma pesquisa de campo, ou seja, os dados serão observados diretamente, sem que haja intervenção da pesquisadora, no próprio ambiente em que o objeto de estudo se encontra (SEVERINO, 2013). Além disso, possui objetivo explicativo, portanto, “além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas” (SEVERINO, 2013, p. 9).

As técnicas utilizadas serão uma roda de conversa com os estudantes, que tem por objetivo explicar como essa pesquisa irá ocorrer, assegurar sua privacidade durante todo o processo futuro, deixá-los à vontade com a pesquisadora, acordar os melhores ambientes e horários para as futuras entrevistas - na qual se obtém informações através de uma interação entre o pesquisador e o pesquisado, onde o primeiro solicita informações ao segundo - e responder eventuais perguntas que possam surgir; entrevistas semiestruturadas com docentes e discentes; observações de aula dos professores anteriormente entrevistados, para tentar unir o que acontece na sala de aula e o que foi exposto nas entrevistas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa ainda está em andamento e a ida ao campo, com fins de coleta de dados organizados, ainda não foi realizada. Porém, com base na revisão de

literatura e tendo estudado os conceitos aqui sinalizados, considerando ainda as vivências que tenho tido com o campo a ser pesquisado, trago hipóteses de possíveis respostas para a pergunta em questão. Acredito que, ao final da pesquisa, poderei listar algumas das causas para a desmotivação: a insatisfação com o ambiente escolar como um local não acolhedor; uma relação professor-aluno onde o professor é autoritário, indiferente, não se esforça para criar um vínculo como determinante para a desmotivação; a maneira de aplicação dos conteúdos, de forma distante da realidade do aluno e/ou sem a participação do mesmo, a utilização de métodos ultrapassados que visem a memorização excessiva, sem a construção de um aprendizado concreto; avaliações e desempenho como fatores que podem desmotivar; dentre outros.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, Wilton Silva. **MOTIVAÇÃO E DESMOTIVAÇÃO ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS**. 2013. Monografia (Especialização em Coordenação Pedagógica). Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8133/1/2013_WiltonSilvaBueno.pdf. Acesso em: 03 de agosto de 2024.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini; BORUCHOVITCH, Evely. O Estilo Motivacional do Professor e a Motivação Intrínseca dos Estudantes: Uma Perspectiva da Teoria da Autodeterminação. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. v. 17. n. 2. p. 143-150. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/DwSBb6xK4RknMz kf5qqpZ6Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 de agosto de 2024.

MARTÍN, Héctor Ruiz. Motivação. In: MARTÍN, Héctor Ruiz. **Como aprendemos?**: uma abordagem científica da aprendizagem e do ensino. 3. edição. Porto Alegre: Penso, 2024. p. 151-166. Disponível em: <https://pergamum.ufpel.edu.br/acervo/5317520>. Acesso em: 02 de agosto de 2024.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas et al. Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista SUSTINERE**. Rio de Janeiro.v. 7. n. 2, p. 414-430. jul-dez, 2019. Disponível em: <https://www.e-23publicacoes.uerj.br/sustinere/article/view/41193/32038>. Acesso em: 04 de agosto de 2024.

RIBEIRO, Filomena. Motivação e aprendizagem em contexto escolar. **Revista PROFFORMA**. Centro de Formação de Professores do Nordeste Alentejano n. 3. p. 1-5. Junho 2011. Disponível em: https://www.cefopna.edu.pt/revista/revista_03/pdf_03/es_05_03.pdf. Acesso em: 03 de agosto de 2024.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 1. edição. São Paulo: Cortez, 2013. Disponível em: https://e-aula.ufpel.edu.br/pluginfile.php/2039514/mod_resource/content/1/2.%20Metodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_Antonio_Joaquim_Severino_-.pdf. Acesso em: 01 de agosto de 2024.